

Espaço social e cinema latino-americano: considerações educativas sobre culturas políticas e territórios

Francisco Fagundes de Paiva Neto¹

Resumo: *O projeto constituiu uma iniciativa de extensão acadêmica, desenvolvido por meio de um cineclube, que utilizamos como uma ferramenta para enriquecer a formação complementar dos cursos de graduação nas áreas de Humanidades. A meta foi incentivar reflexões interdisciplinares sobre as sociedades da América Latina, realizando debates sobre cada obra cinematográfica e conectando-a a textos temáticos adicionais. A proposta também objetivou oportunizar um espaço de entretenimento qualitativo para os envolvidos, com o fito de ampliar a capacidade crítica e relacional, por uma intensificação no processo de formação cultural. Teve duração de um ano, outubro de 2013 a outubro de 2014. Tivemos como resultados a difusão do acesso a produções filmicas e audiovisuais, que não estão contempladas na programação comercial das emissoras de televisão aberta, oportunizando uma apreciação interpretativa diversa. Os professores agiram como mediadores culturais envolvidos na seleção dos filmes e nos debates, abordando temáticas diversificadas contempladas pelas Humanidades.*

Palavras-chave: *Cineclube. Filme. Documentário. Aprendizado.*

Área Temática: *Cultura.*

Social space and latin american cinema: educational considerations about political cultures and territories

Abstract: *The project was an academic extension initiative, developed through a film club, which we used as a tool to enrich the complementary training of undergraduate courses in the Humanities. The aim was to encourage interdisciplinary reflections on Latin American societies by holding debates on each film and connecting it to additional thematic texts. The proposal also aimed to provide a space for qualitative entertainment for those involved, with the aim of broadening their critical and relational capacity, by intensifying the process of cultural formation. It lasted a year, from October 2013 to October 2014. The results were the dissemination of access to film and audiovisual productions that are not included in the commercial programming of free-to-air television stations, providing an opportunity for diverse interpretative appreciation. The teachers acted as cultural mediators involved in selecting the films and in the debates, addressing diverse themes covered by the Humanities.*

Keywords: *Film club. Film. Documentary. Learning.*

Espacio social y cine latinoamericano: consideraciones pedagógicas sobre culturas y territorios políticos

Resumen: *El proyecto fue una iniciativa de extensión académica, desarrollada a través de un cineclub, que utilizamos como herramienta para enriquecer la formación complementaria de los cursos de licenciatura en Humanidades. El objetivo era propiciar reflexiones interdisciplinarias sobre las sociedades latinoamericanas, mediante la realización de debates*

¹ Professor do Departamento de História/UEPB, Campus III. Doutor em Sociologia/UFMG. Estágio de pós-doutoral em História na UFPE. Docente nas áreas de História do Brasil e História da América. E-mail: francisconfagundes@servidor.uepb.edu.br.

sobre cada película y su conexión con textos temáticos complementarios. La propuesta también pretendía ofrecer un espacio de entretenimiento cualitativo para los implicados, con el objetivo de ampliar sus capacidades críticas y relacionales intensificando el proceso de educación cultural. Tuvo una duración de un año, de octubre de 2013 a octubre de 2014. Los resultados fueron la difusión del acceso a producciones cinematográficas y audiovisuales no incluidas en las programaciones comerciales de las televisiones en abierto, proporcionando una oportunidad de apreciación interpretativa diversa. Los profesores actuaron como mediadores culturales implicados en la selección de las películas y en los debates, abordando diversos temas tratados por las Humanidades.

Palabras clave: Cineclub. Película. Documental. Aprendizaje.

INTRODUÇÃO

O projeto de extensão no estilo cineclube foi implementado no Campus III da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) com ações voltadas para os alunos e a população da região. Os filmes foram exibidos e realizados debates, tendo como material complementar textos previamente disponibilizados. Construímos ciclos temáticos relacionados com o espaço social latino-americano, a partir das conexões com a História, a Sociologia, a Geografia, a Literatura, a Pedagogia e o Direito.

Destacamos que esse projeto fez parte de um programa de extensão chamado Espaço Social, cuja proposta foi um curso de extensão aos sábados com 180 horas ao longo de um ano. A outra parte do programa foi constituída por esse cineclube, que abordamos neste escrito. O programa teve edições de 2013 até 2018, mas apenas em 2012, tivemos a experiência do curso aos sábados com temáticas diversas das Humanidades.

O cineclube teve a duração entre outubro de 2013 e setembro de 2014. Como uma experiência, o nosso trabalho servirá como uma fonte à história dessas ações antes da curricularização das extensões nas graduações pela adequação dos Projetos Pedagógicos de Cursos, através da Resolução nº 7/2018, pelo Conselho Nacional de Educação. Salientamos que, desde as discussões originárias da redemocratização brasileira (1985), as extensões foram debatidas, a partir de 1987, nas reuniões do Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras. A contar desses encontros, as extensões ganharam assento nas legislações referentes às universidades públicas com o fundamento de ensino, pesquisa e extensão em caráter indissociável. Destacamos, aos interessados na consulta desse aparato legal, a Constituição de 1988 e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9394/96), sobretudo nas disposições legais e normativas sobre o Ensino Superior. Com a curricularização das extensões, pelo menos 10% da carga horária estudantil dos cursos de graduação deverão ser constituídas por atividades dessa ordem.

A ação educativa difundiu produções fílmicas e audiovisuais alijadas das programações das emissoras de televisão aberta, oportunizando uma apreciação interpretativa diferenciada das produções meramente comerciais. A meta fundamental da proposta foi capacitar os envolvidos na análise de questões e tópicos essenciais e periféricos ligados às sociedades da América Latina. Essas regiões constituintes do Sul Global possuem origens sociais comuns e, somente assim, as reflexões e ações coletivas poderão reivindicar uma cidadania ampliada, tanto quanto à profundidade do debate, como em relação aos vínculos com as comunidades demandantes de autonomia e direitos coletivos.



Figura 01 – Cartaz referente à divulgação das inscrições da extensão.

Fonte: Acervo pessoal do autor.

O cinema pode ser empregado como um recurso educativo a partir da seleção temática para fins de uma proposta pedagógica, em que o professor assume a condição de agente mediador entre a película e o público. Tendo como substrato o filme, o educador pode suscitar metodologias de mediar a linguagem cinematográfica e a agência dos participantes do cineclube na construção de níveis de autonomia. As sessões não se resumem a uma passividade da transmissão do saber, mas na convergência dos participantes em uma construção dialógica coletiva e colaborativa. Essa concepção fundamenta-se no pensamento freiriano por estabelecer um nexo entre os saberes e a experiência educativa em um processo social de edificar a cidadania pela capacidade crítica acerca da própria sociedade (Freire, 2009). Aduzindo uma análise sobre a relação do cinema com possibilidades de reflexão e comutação, um teórico destacou: “[...] ao lado de ser um meio de narrar histórias, o cinema há muito se tornou um meio de reflexão psicológica, política, religiosa, sociológica, ética e cultural. E, como área cultural, é também um campo de mudança” (Brandão, 2009, p. 39).

A execução do cineclube teve como escopo uma perspectiva interdisciplinar, visando enriquecer as discussões específicas e gerais das Ciências Humanas. Ademais, a proposta convergiu para de oportunizar um espaço de ampliação da capacidade crítica e relacional entre os conhecimentos científicos e os saberes locais. Essa prática intensifica o processo de formação cultural, permitindo uma complementariedade entre o saber acadêmico e o das comunidades das cercanias.

Embora a ação tivesse como proposta um sentido para além dos muros institucionais, franqueando a participação de agentes exteriores à comunidade universitária, podemos dizer que essa frequência foi rarefeita. Os fatores explicativos são os limites ante a cultura acadêmica e as necessidades de busca de postos de trabalho. As discussões balizadas e metrificadas com uma terminologia científica geraram um estranhamento entre alguns participantes, que demonstraram uma resistência socialmente construída com relação aos lugares e às hierarquias sociais. Ou seja, mesmo com o esforço de modulação da linguagem e uma didática mais integradora, tivemos um gradativo processo de afastamento dos participantes externos. Informalmente, constatamos que isso ocorreu em razão de o debate acadêmico distar do lazer ou da reunião comunitária extramuros, os quais são espaços portadores de estímulos próprios e diversos.

As motivações dos públicos em questão foram muito além dos esforços de integração universidade/comunidade, tendo como um ganho a aprendizagem pontual em cada sessão e edição. Porém, salientamos também que as demandas são transitórias e a condição dos professores como mediadores é sempre desafiada por novas variáveis, como a própria renovação do público, a partir da aprovação do projeto em cada novo edital, ou ainda eventos com algum impacto social. Em geral, o desafio é que toda nova classe de extensionistas tem demandas próprias e o desenvolvimento de abordagens mediadoras também específicas, que precisam ser estabelecidas. Acreditamos que esse será um caminho íngreme a ser superado pelas práticas futuras de extensões, mesmo com o novo horizonte de curricularização das extensões.

Entendemos que a proposta se justificou pela torrente de possibilidades e discussões contextuais que o cinema e os documentários suscitam, sobretudo, se considerarmos a inexistência de espaços destinados à apresentação de audiovisuais em Guarabira-PB, devido ao fechamento dos cinemas locais.



Figura 02 – Grupo de professores e de estudantes participantes do cineclube Espaço Social. Segundo semestre de 2013.

Fonte: Acervo pessoal do autor.

OBJETIVOS

A extensão teve como objetivo favorecer, pela participação no cineclubes, uma formação interdisciplinar e suplementar para os estudantes das Humanidades (e frequentadores eventuais), a partir de temáticas transversais aos conhecimentos históricos, geográficos, pedagógicos e linguísticos/literários. Em consonância com esse objetivo, destacamos que o cineclubes se tornou um espaço educativo com reflexos na produção textual de estudantes, quanto a eventos ou trabalho de final de curso.

Atingimos o objetivo de favorecer um maior acesso a produções audiovisuais, expandindo as oportunidades de aprendizado e utilizando o cinema como um recurso educativo e uma fonte de investigação acadêmica. Ademais, o eixo norteador dos debates, o cinema latino-americano, permitiu reflexões sobre a condição regional no contexto geopolítico, quanto às relações de dependência, e sobre as expressões culturais e identitárias.

O estímulo ao debate interdisciplinar foi um objetivo que proporcionou a integração de perspectivas teóricas sobre as questões políticas, territoriais, econômicas e culturais para uma autorreflexão sobre quem somos nós, latino-americanos, nos quadros internacionais, dimensionando assim escalas de análise sobre problemas comuns ou específicos.

METODOLOGIA

O projeto foi estruturado em ciclos temáticos de filmes, escolhidos pelos docentes encarregados, com ênfase no século XX e em temas geopolíticos e sociais da América Latina. A razão desse procedimento metodológico foi estabelecer as distinções regionais e aspectos referentes a algumas similitudes, quanto ao mundo do trabalho, à política, às práticas religiosas e dinâmicas sociais. Em termos práticos, os ciclos foram selecionados e organizados segundo temáticas ou perspectivas históricas, geográficas, sociológicas, literárias, ambientais, políticas, dentre tantas que poderão contribuir para os debates entre os participantes. Avaliando esse recurso pedagógico, uma autora com trajetória formativa na História, na Educação e na Linguística pontuou:

Certamente, nos dias de hoje, em que a interdisciplinaridade deixou a muito de ser novidade, não caberia discutir a quais professores caberá a tarefa de promover a inclusão do cinema na escola. Atribuir essa competência a alguma formação específica, seria no mínimo anacrônico diante do discurso que está posto e da já mencionada necessidade de construção integrada de conhecimento. Assim sendo, todo e qualquer professor pode (e talvez deva) ser capaz de trabalhar com cinema em seu fazer docente. Qualquer presunção de apropriação baseada no nocivo “poder disciplinar” cujo ranço ainda se faz, infelizmente, presente nas escolas será contraproducente. De outra parte, a aproximação entre escola e movimento cineclubista poderá ser extremamente benéfica para ambos numa troca de experiências onde de igual para igual, respeitadas as especificidades, se possa construir juntos essa necessária Pedagogia da Imagem (Leivas, 2010, p. 93).

A essas atividades, acrescentamos as possibilidades formativas, o uso de recursos didáticos (artigos, livros, etc.) como incentivo à aprendizagem, as discussões e a formação cultural do público. Assim, integramos na proposta a exibição de filmes seguida de debates entre os participantes, contando como material complementar

alguns artigos e/ou livros relacionados ao audiovisual em questão. Essa estratégia metodológica tem um enraizamento na perspectiva dialógica com os saberes acadêmicos e extra acadêmicos. Um princípio à nossa prática pode ser exposto na seguinte reflexão de uma autora com percurso interdisciplinar na Geografia e na Educação:

[...] o que se refere ao conhecimento, as razões para não aceitarmos a sua fragmentação prende-se também ao fato de que as ciências parcelares não dão conta de explicar a realidade, de explicar o mundo, havendo o desejo de reverter, em certa medida, as distorções que foram impostas à vida do cidadão em diferentes espaços geográficos, sociais e contextos históricos (...) Então, há que se pensar nos métodos de ensino a serem utilizados na escola para que se tenha como expectativa a formação de um “homem inteiro” e que, por meio da prática aliada à reflexão, construa-se o caminho para essa conquista (Pontuschka, 2015, p. 102).

O exercício da interdisciplinaridade é um esforço contínuo, considerando a própria tensão inerente ao campo científico com relação às especializações. Contudo, cabe-nos ser sensíveis às fronteiras permeáveis para um trabalho mais eficaz. As áreas de conhecimento envolvidas serão a História, a Geografia, a Sociologia, a Filosofia, a Pedagogia, a Literatura e o Direito, sob uma perspectiva cultural e interdisciplinar. A definição e organização dos ciclos, dos filmes e documentários exibidos, foi o resultado das sessões de estudos e consulta ao material audiovisual disponível, bem como do trabalho dos mediadores. Avaliando a necessidade de relações entre saberes, um pesquisador de formação na área de Estudos Sociais e estudos de pós-graduação em Educação pontuou:

De todo modo, o professor precisa tornar-se um profissional com visão integrada da realidade, compreender que um entendimento mais profundo de sua área de formação não é suficiente para dar conta de todo o processo de ensino. Ele precisa apropriar-se também das múltiplas relações conceituais que sua área de formação estabelece com as outras ciências (Thiesen, 2008, p. 551).

A reflexão de Thiesen (2008) motiva-nos a refletir sobre os nossos conhecimentos científicos, mas também sobre como nos espaços extramuros universitários são constituídos saberes por investigações específicas e por experiências setoriais das quais necessitamos tomar ciência.

A proposta de realização do cineclube teve como carga horária para cada sessão/debate 4 (quatro) horas/aula, ou seja, 15 apresentações que totalizaram 60 horas/aula. Em razão das pausas no calendário acadêmico decorrente de alguns eventos, como as férias compreendidas entre o final e o início de ano, foram canceladas nove aulas. Nesse sentido, o projeto teve uma redução de 40 horas/aula, totalizando 60 horas/aula e não 100 horas/aula, conforme havia sido planejado inicialmente. Essas intercorrências foram destacadas no relatório final do projeto.

Em resumo, a metodologia pode ser assente no seguinte tripé: 1º.) Apresentação de sessões de cinema, sob a forma de ciclos, na UEPB; 2º.) Estudos e debates das temáticas proporcionadas por cada filme e/ou documentário, como atividade prévia entre os professores e os apoiadores, e; 3º.) Incentivo ao debate após cada sessão de exibição de filmes e/ou documentários, porque para cada sessão havia a indicação de uma

leitura. Diante das referências postas, refletimos como o cineclubismo tem uma importância substancial em um quadro formativo. Conforme um pesquisador das Ciências da Comunicação destacou:

Enfim, não se trata “apenas de uma exibição”, mas esta se dá em um contexto mais amplo de possibilidades, no qual o conceito de cineclubismo poderia se tornar uma prática mais frequente em nosso cotidiano, incorporando as tecnologias contemporâneas de comunicação e informação (Brito, 2010, p. 74).

Em sintonia com essa avaliação, justificamos a necessidade de um fazer-se do cineclubismo com uma interação mais ampla de participantes e outros grupos sociais, que potencializem os recursos e a dinâmica formativa nas graduações e para além dos muros escolares. Uma análise dessa questão toca diretamente na formação dos professores e alguns processos tecnológicos, que devem primar por sociedades mais integradoras das diferenças, devido às relações entre centros e periferias. Nesse sentido, conforme uma pesquisadora da Educação frisou:

É necessário pensarmos os processos de formação acadêmica e social dos professores, ofício a que nos dedicamos nas Faculdades de Educação e Cursos de Licenciatura, neles desenvolvendo as várias dimensões da condição humana: o intelecto e as cognições, o pensamento racional, assim como a formação ético-moral e a sensibilidade, a dimensão estético-expressiva. Se faltar um desses elementos, o sujeito social, o sujeito político, capaz de habitar a polis, estará incompleto. É necessária a formação de sujeitos sociais professores capazes e sensíveis para viverem a vida em comum, subjetividades edificadas em valores humanos e sociais, que participem na construção de uma sociedade e de um mundo em que todos e todas possamos viver com dignidade e alegria, a partir da justiça, da liberdade, da igualdade e da diversidade (Teixeira, 2010, p. 113).

Essa constituição precisa nivelar a sociedade e o sistema educativo, porquanto deve existir um trânsito teórico-prático de valorização e de reconhecimento dos saberes como produtos sociais capazes de atender demandas pontuais, mas que podem ser ampliados, conforme os usos desses conhecimentos e da produção de uma escolástica.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Uma análise prévia conteudista permitiu uma avaliação das conexões culturais com outros países latino-americanos, que se tornaram mais intensas com a globalização, a partir de condições históricas como: a cultura política autoritária; emergência dos movimentos étnicos; as mobilizações de luta pela terra; os movimentos sociais urbanos; as participações de grupos religiosos no campo político; a emergência de conflitos armados em áreas urbanas e rurais; as trocas culturais ou os fluxos migratórios. A persistência dessas condições históricas foi potencializada pelas relações com uma nova dinâmica imperialista ou globalizadora, devido às experiências sociais do espaço latino americano, quer como *locus* de manutenção das relações de exploratórias do capitalismo associado e dependente, quer como espaço de ressignificação das experiências das relações de dependência. Essa discussão fundamenta-se na expressão do cinema para além do espetáculo. Nesse sentido, um pesquisador da Sociologia salientou:

A questão que se coloca hoje sob o tempo histórico do “capitalismo manipulatório” (Lukács) é como deter a máquina industrial e política de desmonte de sujeitos humanos montada pela ordem do capital. O século XX, o século do cinema, foi também o século de imbecilização planetária promovida pela indústria cultural de massas, como diria Theodor Adorno. Interessa à ordem burguesa, a desefetivação de sujeitos humanos incapazes de uma intervenção prático-sensível radical. O “capitalismo manipulatório” investe no entretenimento de homens e mulheres que trabalham. “Entreter” no sentido de proibir a reflexão crítica. Pensar é perigoso, na ótica do capital. Por isso, a construção cultural da ordem burguesa é reduzir o cinema a entretenimento, tornando o filme um mero “circo audiovisual” que entretém “escravos assalariados” (Alves, 2010, p. 8).

Com isso, tivemos, pela via da cultura cinematográfica, como tecer possibilidades de discussões emancipatórias. Assim, tivemos a possibilidade de propor uma ampliação da escala de observação para integrar a produção cinematográfica desses países, utilizando o instrumento pedagógico filme para um diálogo com as experiências sociais dos extensionistas. A Resolução n.º 7 MEC/CNE/CES (18 de dezembro de 2018) defende as atividades de extensão no processo formativo profissional e o incentivo à transformação social. Esse dispositivo permitiu-nos concretizar nessa ação educativa um esforço de autorreconhecimento das condições de vida e de reflexões sobre o campo político nacional para o alargamento das balizas e diminuição das assimetrias sociais, desde as bases. Conforme um estudioso da relação cinema e educação:

[...] a re-significação do filme que implica a formação humana é uma operação de consciência crítica capaz de constituir sujeitos humanos com um espírito questionador no sentido de desvelar as contradições objetivas da ordem do capital. Assim, ir além do filme implica assumir uma visão crítica de mundo e dotá-la de ferramentas categoriais capazes de extrair das imagens audiovisuais novas significações capazes de produzir nos sujeitos-receptores/sujeitos-produtores, novas percepções e entendimentos da ordem social (Alves, 2010, p. 16-17).

Esse princípio crítico sobre o cinema fundamentou o nosso exercício pedagógico. A proposta assentou-se na ruptura com a ideia de um público passivo, elevando-se à condição de um consumidor crítico dos audiovisuais, respeitando os diversos níveis de apreensão das obras. Tratamos de relacionar os filmes exibidos com os espaços comunitários dos extensionistas, a partir de uma pesquisa exploratória prévia. A motivação fez parte da necessidade de compreender as pressões do tempo presente na dissolução de tradições culturais pela efemeridade das próprias mídias. Nesse sentido, Antônio Jesus (médico e professor) junto à artista Saskia Sá ponderaram:

Na contemporaneidade, imersos no caos audiovisual, com o desenvolvimento de tecnologias e de uma interatividade cada vez mais acentuada, vemos cair por terra inúmeras visões de vida. O horizonte se liquefaz em possibilidades que acabam se tornando também possibilidades de vida coletivas, mas um coletivo diferente, entramado na rede mundial e muitas vezes virtual, onde as identidades se fazem e se desfazem ao descristalizarem-se as noções pré-concebidas pelas quais temos sido circunscritos nos últimos séculos. Em um mundo interativo e conectado, não se pode mais pensar em termos de uma espectralidade passiva frente às telas da modernidade: o cinema e a televisão, sob pena de cristalizarmos uma situação de imobilidade e dependência. As possibilidades são potencializadas a partir de interferências na rede e é a partir de diferenças e descontinuidades que as comunidades virtuais ou locais são criadas e se desmancham (Jesus; Sá, 2010, p. 66).

Para a abordagem dessas questões eivadas de tantas transformações, buscamos também as vias das permanências, porque os espaços sociais não são homogêneos ante os estímulos. Foram apresentadas as seguintes películas no auditório do Centro de Humanidades/UEPB:

- 1ª Sessão:** A Máquina – o amor é o combustível. Direção: João Falcão. Gênero: Drama, romance. Debatedor: Prof. Dr. Francisco Fagundes de Paiva Neto/Dia: 16 de outubro de 2013. Carga horária: 04 horas/aula. Temas debatidos: migração, poder político local, o fenômeno das estiagens, indústria da seca e os impactos da globalização nas identidades regionais. A discussão teve como base o texto de Stecz (2009), que antagoniza o cinema escapista com um de caráter crítico.
- 2ª Sessão:** Vidas Secas. Direção: Nelson Pereira dos Santos. Gênero: Drama. Debatedor: Prof. Dr. Francisco Fagundes de Paiva Neto/Dia: 30 de outubro de 2013. Carga horária: 04 horas/aula. Temas debatidos: transumância, estruturas locais de dominação política, estiagens e desenvolvimento de estratégias das classes dominantes para manutenção do patrimonialismo e dos privilégios sociais. A partir do artigo de Sirino (2010), abordamos a relação entre cinema, literatura e cidadania na prática educativa.
- 3ª Sessão:** Central do Brasil. Direção: Walter Salles. Gênero: Drama. Debatedor: Prof. Francisco Fábio Dantas da Costa. Dia: 20 de novembro de 2013. Carga horária: 04 horas/aula. Temas debatidos: migração, urbanização, qualificação e mercado de trabalho, desigualdades. A partir das reflexões de Telles (2006), teceram-se avaliações sobre a sociedade nacional com ênfase nos processos de assimetrias sociais.
- 4ª Sessão:** Tropa de Elite I: José Padilha. Gênero: Ação, drama e suspense. Debatedor: Prof. Francisco Fábio Dantas da Costa. Dia: 27 de novembro de 2013. Carga horária: 04 horas/aula. Temas debatidos: violência urbana (violência estatal), favelização, crime organizado, papel do Estado. A discussão, a partir do artigo de Navarro e Andrade (2007), pontuou a tensão social tanto pela “guerra” nas favelas quanto pela rede de criminosos em locais estratégicos da sociedade.
- 5ª Sessão:** Os Japoneses no Vale do Ribeira e Sudoeste Paulista. Direção: Chico Guariba, 2007. Gênero: Documentário. Debatedora: Profa. Dra. Marisa Tayra Teruya. Dia: 04 de dezembro de 2013. Carga horária: 04 horas/aula. Temas debatidos: imigração asiática, agricultura camponesa, choques culturais, fenômeno de kassegui. A pesquisa de Nascimento e Scifoni (2006) foi um recurso didático à compreensão da presença de bens culturais, por meio das colônias japonesas.
- 6ª Sessão:** Terra para Rose. Direção: Tetê Moraes, 1987. Gênero: Documentário. Debatedor: Profa. Ms. Rita de Cássia Cavalcante/Dia: 11 de dezembro de 2013. Carga horária: 04 horas/aula. Temas debatidos: conflitos de terra, cooperativismo, divisões internas no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), políticas de reforma agrária, agricultura familiar. A investigação de Santos (2009) foi uma base para a discussão sobre a participação feminina na luta pela terra, bem como a violência no campo.
- 7ª Sessão:** Batismo de Sangue. Direção: Helvécio Raton. Gênero: Drama. Debatedor: Prof. Dr. Francisco Fagundes de Paiva Neto. Dia: 12 de fevereiro de 2014. Carga horária: 04 horas/aula. Temas debatidos: relação da Igreja Católica com os movimentos de esquerda, memória e testemunhos políticos, ditadura militar

no Brasil. A pesquisa de Velasco (2009) pautou-se sobre um livro-testemunho, adaptado ao áudio visual, demonstrando as relações de resistência política de diversos grupos sociais ao regime militar.

8ª Sessão: Igreja da Libertação. Direção: Sílvio Da-Rin. Gênero: Documentário. Debatedor: Prof. Dr. Francisco Fagundes de Paiva Neto. Dia: 19 de fevereiro de 2014.

Carga horária: 04 horas/aula. Temas debatidos: Teologia da Libertação, conflitos sociais urbanos e rurais, Comunidades Eclesiais de Base e pastorais sociais. A entrevista do diretor a Monteiro e Araújo (2011) serviu de substrato para os procedimentos didáticos ante o debate sobre a teologia da libertação e os movimentos camponeses.

9ª Sessão: Guerra das Malvinas (Memories of War). Direção: Gênero: Documentário.

Debatedor: Prof. Ms. Antônio Gregório da Silva. Dia: 09 de abril de 2014. Carga horária: 04 horas/aula. Temas debatidos: geopolítica, conflitos no Atlântico Sul, territórios estratégicos e imperialismo. Perochena (2016) refletiu em um artigo sobre a posição dos governos Kichner (2003-2015) com relação à esdrúxula conciliação entre o nacionalismo e a questão dos direitos humanos em uma sociedade marcada pelas memórias da guerra e da ditadura militar argentina.

10ª Sessão: Elefante Branco. Direção: Pablo Trapero, 2012. Gênero: Drama. Debatedor: Prof. Ms. Carlos Adriano Ferreira de Lima. Dia: 23 de abril de 2014. Carga horária: 04 horas/aula. Temas debatidos: violência urbana, favelização, exclusão social, papel da Igreja e do Estado. Sobre essa temática, Aguilar (2012) abordou a questão da precariedade dos assentamentos urbanos na Argentina.

11ª Sessão: A História Oficial. Direção: Luis Puenzo. Gênero: Drama. Debatedor: Prof. Ms. Carlos Adriano Ferreira de Lima. Dia: 07 de maio de 2014. Carga horária: 04 horas/aula. Temas debatidos: ditadura militar, memória e direitos civis. Sobre a temática das ditaduras militares da Argentina e do Brasil, Almeida (2009) discutiu o terrorismo de Estado e a participação de diversos grupos sociais no questionamento das práticas políticas autoritárias.

12ª Sessão: Pro dia Nascer Feliz. Direção: João Jardim, 2006. Gênero: Documentário.

Debatedor: Prof. Dr. Flávio Carreiro de Santana. Dia: 21 de maio de 2014. Carga horária: 04 horas/aula. Temas debatidos: educação, cotidiano escolar, família, adolescência, questões sociais. Sobre essa sessão, debateu-se o artigo de Cardoso et al. (2012) referente às necessidades de uma educação voltada para problemáticas sociais e pedagógicas de uma sociedade complexa.

13ª Sessão: O Primo Basílio. Direção: Daniel Filho, 2007. Gênero: Drama. Debatedor: Prof. Dr. Flávio Carreiro de Santana. Dia: 04 de junho de 2014. Carga horária: 04 horas/aula. Temas debatidos: classes sociais e vida privada. Na reflexão de Correia (2011), a adaptação da obra literária para o cinema trouxe consigo a contribuição de reconhecimento por parte dos receptores de padrões sociais e comportamentais em períodos históricos diversos.

14ª Sessão: Los Sin Tierra: por los caminos de América. Direção: Miguel Barros. Gênero: Documentário. Debatedor: Profa. Ms. Noemi Paes Freire. Dia: 16 de julho de 2014. Carga horária: 04 horas/aula. Temas debatidos: conflitos fundiários, modernização agrícola, exploração do trabalho, migrações e movimentos sociais

no campo. Nessa sessão, foi abordado no debate o artigo de Alvaiades (2013) para estabelecer as relações da memória social com a identidade sócio política do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.

15ª Sessão: Dom Helder Câmara – o santo rebelde. Direção: Erica Bauer. Gênero: Documentário. Debatedor: Prof. Dr. Francisco Fagundes de Paiva Neto. Dia: 27 de julho de 2014. Carga horária: 04 horas/aula. Temas debatidos: Teologia da Libertação, repressão militar, exclusão social, papel da Igreja e do Estado. O debate foi balizado pela pesquisa de Leme (2011), que abordou em uma investigação sobre a produção cinematográfica à agência de grupos sociais, dentre os quais membros da hierocracia, na resistência à ditadura militar brasileira.



Figura 03 – Cartaz da 15ª sessão do cineclube Espaço Social.
Fonte: Acervo pessoal do autor.

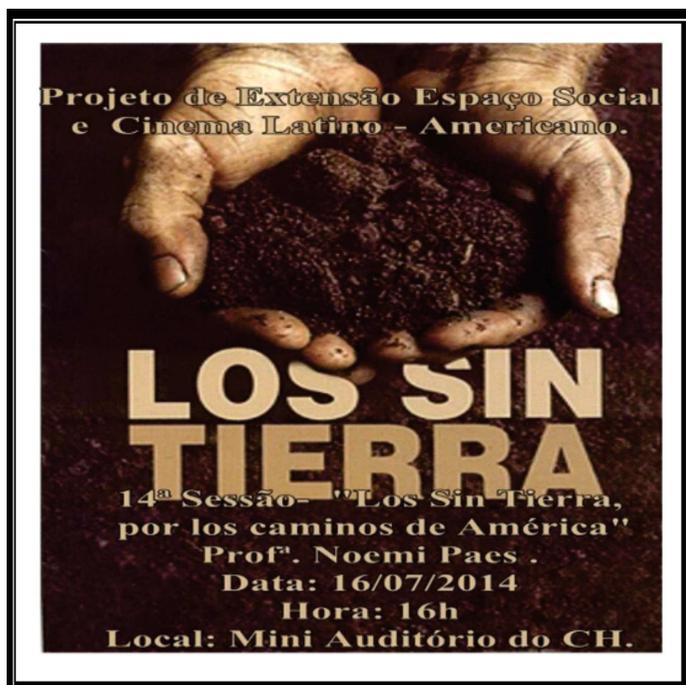


Figura 04 – Cartaz da 14ª sessão do cineclube Espaço Social.
Fonte: Acervo pessoal do autor.

A exibição dos filmes trouxe um sentido de reflexão de alguns extensionistas sobre a história agrária da região, quanto ao papel da Comissão Pastoral da Terra na década de 1980 no agreste paraibano, ante a concentração da terra e a luta do campesinato pela ruptura com a economia moral paternalista (Paiva Neto, 2020; Thompson, 1998). Em sintonia com essa perspectiva, o sentido micro histórico da relação indivíduo/contexto social possibilitou a compreensão de processos históricos com um viés das relações entre biografia e sociedade (Ginzburg, 1989; Levi, 2000).

As questões migratórias (e imigratórias) também surgiram nos debates, pois no agreste paraibano esse fenômeno ainda faz parte do cotidiano, extrapolando os limites de uma memória social das décadas de 1930 até a de 1970, quanto à busca por trabalhos no Sudeste do Brasil. As migrações permanecem em um quadro social da sazonalidade dos trabalhos precarizados referentes ao agronegócio: cortadores de cana (tanto nos estados do Nordeste como em São Paulo) e colheitadores de tomates (em Goiás). A temática da migração e da imigração permitiu perceber como os indivíduos que se deslocam para outros espaços levam consigo suas expressões culturais e estabelecem relações para formação de subculturas no sentido antropológico de uma cultura constituinte de uma cultura.



Figura 05 – Exibição de sessão do cineclubes Espaço Social. Segundo semestre de 2013.

Fonte: Acervo pessoal do autor.

A violência urbana foi tematizada em algumas películas, enfatizando a emergência de novas formas de controle social, bem como de um nível de violência estatal que faz reemergir a lembrança do regime militar com as práticas de tortura. Apesar de a tortura ser considerada um crime inafiançável, foi tolerada na ficção “Tropa de Elite” e, quiçá, enaltecido por plateias como a Panaceia para o quadro do real cotidiano, quando se refere aos marginalizados e criminosos pobres, provavelmente pela economia do recurso ou da exemplaridade paradigmática. Desse modo, coube refletir sobre a relação entre exclusão social e estratégias mínimas de políticas públicas para a constituição da cidadania. Conforme refletiu um estudioso do cinema e da educação:

De fato, essa busca de desenvolvimento educacional vem sendo esboçada pelo governo, através de medidas importantes, mas ainda de alcance limitado, notadamente no nível da Universidade. Mas Educação não é sinônimo de educação formal nem é atribuição exclusiva de governos. Ainda que necessariamente passe pelas instituições formais, pela qualificação profissional e pela inserção no aparelho produtivo, a Educação, em seu sentido mais revolucionário, implica numa mobilização e participação da sociedade na sua elaboração e aplicação – que reciprocamente a transforma, promovendo uma efetiva mudança cultural. É nesse plano mais amplo que quero avançar algumas reflexões. Educação informal, extensa, transversal; educação como formação cidadã dos indivíduos para a vida produtiva em sociedade e para a construção dessa mesma sociedade com base na colaboração e não na competição, na associação entre iguais e não na dominação/subordinação (Macedo, 2010, p. 31).

Destaca-se, desse modo, uma perspectiva colaborativa no cineclubismo, que pode sinalizar para a expansão das propostas de novos locais de promoção cultural, bem como das novas estruturas comunitárias/grupais. Para além dessas impressões, percebemos que entre os discentes houve o desenvolvimento de uma cultura de busca pelos áudios visuais. Outro resultado foi o do desenvolvimento de trabalhos de conclusão de curso com temas relacionados aos eixos temáticos do nosso cineclube.



Figura 06 – Exibição do cineclube Espaço Social. Primeiro semestre de 2014.

Fonte: Acervo pessoal do autor.

CONCLUSÕES

A extensão do cineclube Espaço Social aventou uma temática associada às questões da América Latina em uma fase de consequências da globalização econômica e cultural. Assim, propiciou reflexões sobre temas tangenciais abordados pelas Humanidades. Desse modo, estabeleceram nexos com os conteúdos das disciplinas dos cursos de História, Geografia, Pedagogia, Letras e Direito. Possibilitou composições analíticas por meio de linguagens áudios visuais, que permitiram reflexões sobre os próprios lugares de origem, sobre os deslocamentos e mudanças de trajetórias. Ademais, permitiu o cruzamento de experiências coletivas de outros povos com passados coloniais e de economias associadas e dependentes nos quadros do capitalismo ao se avaliar as semelhanças e distinções. Os filmes demonstraram situações existenciais de tensão entre os agentes envolvidos e

as estruturas sociais presentes nas ambiências ficcionais, mas também como espelhamento de situações reais desses povos.

A frequência foi estabelecida para fins de certificação, seguindo o padrão de 75% das atividades. Não obstante, tivemos também um público de presença flutuante, devido à presença de visitantes a sessões específicas, que tiveram necessidades pontuais para debater questões voltadas aos estudos monográficos ou interesses afins. Para fins conclusivos, 20 (vinte) extensionistas receberam os certificados de participação no cineclube. A frequência na extensão foi efetivada, estrategicamente, com o aproveitamento do horário intermediário entre o turno vespertino e o noturno, porque nesse corte temporal muitos estudantes ficam com tempo disponível na UEPB. A comunidade extra universitária não obteve a emissão de certificados, pois não participou efetivamente de 75% das atividades. Esse ponto demonstra um limite, porque as expectativas entre os universitários e o público extra universitário são diversas, a partir das necessidades institucionais em confronto com as demandas imediatas de um momento de lazer ou de interlocução com ações educativas sazonais.

Notamos que um fator decisivo para os extensionistas matriculados nas graduações foi motivado no momento das inscrições pela complementariedade de horas curriculares necessárias às conclusões das graduações. Outros almejavam a aquisição de uma certificação necessária à marcação de pontos em concursos públicos ou de progressão funcional, sobretudo quando tivemos a participação de egressos de graduações, que já são concursados em quadros funcionais de prefeituras da região. Enquanto no caso dos graduandos da UEPB, percebemos que as dificuldades referentes aos custos materiais com eventos em outras cidades ou estados concentraram a concorrência pelas inscrições, porque não deveriam comprometer os orçamentos familiares.

As temáticas relacionadas a uma transversalidade voltada às questões da cidadania (com nexos aos conteúdos da História, da Geografia, da Pedagogia e do Direito) motivaram uma maior interlocução entre os presentes, a partir de aquisições disciplinares. Mas também de conhecimentos práticos originários das próprias experiências das comunidades pertencentes. Reportamos essas aquisições como inerentes ao processo de transmissão de saberes e práticas locais, que fazem parte das diversas relações de sociabilidade. Destacamos entre as tais: o acompanhamento dos pais nas reuniões sindicais, as experiências familiares de migração, a chegada de imigrantes venezuelanos, as memórias sobre lideranças responsáveis pela luta pela terra (em áreas rurais ou urbanas), as demandas por direitos sociais em uma área de trabalhadores canavieiros e a violência (estatal ou paraestatal). Concluímos que a nossa ação teve consonância com os fundamentos das práticas de extensão corrente nos fóruns nacionais, quais sejam, de modo sintético:

- Impacto de transformação social (ações externas à instituição de ensino organizadora da ação extensionista que impactam a comunidade civil a partir de demandas da mesma);
- Impacto na formação dos extensionistas (como a prática extensionista agrega na qualificação dos estudantes);
- Indissociabilidade da tríade acadêmica (aplicação conjunta da tríade ensino, pesquisa e extensão);

- Interdisciplinaridade (convergência de duas ou mais áreas do conhecimento, não pertencentes à mesma classe, que contribua para o avanço das fronteiras da ciência e tecnologia, transfira métodos de uma área para outra, gerando novos conhecimentos ou disciplinas e faça surgir um novo profissional com um perfil distinto dos existentes, com formação básica sólida e integradora (CAPES); e
- Interação dialógica (Interações estabelecidas com o desenvolvimento de relações entre universidade e setores sociais marcadas pelo diálogo, pela ação de mão-dupla, de troca de saberes, de superação do discurso da hegemonia acadêmica (FORPROEX, 2012).

À guisa de conclusão, a extensão foi produtiva por integrar os extensionistas e os professores em análises e discussões sobre problemas nacionais e internacionais, devido ao nível de integração presente nos tempos hodiernos com vários meios de comunicação e de interação. Foi também profícua por permitir práticas interdisciplinares entre os professores de diversas áreas de conhecimento, com diálogo entre pesquisadores e aprendizagens com a atividade de extensão.

Um dos obstáculos encontrados foi a dificuldade de os participantes se manterem presentes em todas as sessões, em razão das condições precárias do trabalho. Outro limite foi a histórica necessidade de ampliar as relações entre universidade e comunidade, pois essa relação possui níveis de estranhamento, que precisam ser reconfigurados. Inegavelmente, as categorias acadêmicas, mesmo com o esforço de modular a linguagem e recursos didáticos, geram níveis de resistência pela existência de uma institucionalidade pouco familiar a alguns extensionistas, que se pautam por uma maior informalidade.

Alguns dos participantes desse público tiveram desdobramentos acadêmicos, a partir da certificação e do alinhamento temático com linhas de pesquisa, em atividades de investigação em outros projetos. Igualmente, a atividade permitiu o aproveitamento de pontos necessários para constituição curricular individual e, além disso, o alinhamento com temas de pesquisa sobre história do trabalho e a problemática das relações campo e cidade na América Latina. Os resultados obtidos fizeram com que, no edital do ano posterior, concorrêssemos com novo projeto, obtendo aprovação.

REFERÊNCIAS

AGUILAR, Gonzalo. As favelas no cinema argentino: um elefante oculto atrás do vidro. *Revista do programa de pós-graduação da escola de comunicação da UFRJ*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 3, p. 8-21, 2012.

ALMEIDA, Ricardo Normanha Ribeiro de. As ditaduras militares no cinema argentino e brasileiro: uma análise de a história oficial e pra frente Brasil. *Baleia na Rede Revista online do Grupo Pesquisa em Cinema e Literatura*, Marília, v. 1, n. 6, p. 128-145, 2009.

ALVAIDES, Natália Kerche; SCOPINHO, Rosemeire Aparecida. De sem-terra a Sem-Terra: memórias e identidades. *Psicologia & Sociedade*, São Carlos, v. 25, n. 2, p. 288-297, 2013.

ALVES, Giovanni. O Cinema Como Experiência Crítica-Tarefas políticas do novo cineclubismo no século XXI. In: ALVES, Giovanni; MACEDO, Felipe (orgs.). Cineclube, cinema & educação. Londrina: Praxis; Bauru: Canal 6, p. 7-27, 2010.

ANDRADE, Regina; NAVARRO, Andreyra. Sociedade sem álibi: Tropa de Elite. *Revista Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, n. 20-21, p. 203-213, 2007.

BRANDÃO, Myrna Silveira. Leve seu gerente ao cinema. 2. ed. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2009.

BRASIL. Parecer CNE/CES n. 608/2018. Diretrizes para as Políticas de Extensão da Educação Superior Brasileira. 2018.

BRITO, Flávio de Souza. Cineclubes, Formação de Público e Cidadania. In: ALVES, Giovanni; MACEDO, Felipe (orgs.). Cineclube, cinema & educação. Londrina: Praxis; Bauru: Canal 6, p. 71-78, 2010.

CARDOSO, Romi Lefa; CHERUTI, Luciana Josélia Corrêa; PONTE, Marcia Kleemann de. Pro dia nascer feliz. *Revista de Educação, Ciência e Cultura*, v. 17, n. 2, p. 151-162, 2012.

CORREIA, Carlos Alberto. O primo Basílio: as adaptações e suas funções sociais. *Linguagem*, Catalão, v.14, n.1, p. 79-95, 2011.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia. 39. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2009. 146 p.

FORPROEX. Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileira: organização e sistematização; organização: Edison José Corrêa. Coordenação Nacional do FORPROEX. Belo Horizonte: Coopmed, 2007.

GINZBURG, Carlo. A micro-história e outros ensaios. Lisboa: Difel/Bertrand Brasil, 1989. 244 p.

LEIVAS, Regina Zauk. Educação e cineclubismo em trânsito afetivo – “cineclubar” para educar. In: ALVES, Giovanni; MACEDO, Felipe (orgs.). Cineclube, cinema & educação. Londrina: Praxis; Bauru: Canal 6, p. 79-95, 2010.

JESUS, Antônio Claudino de; SÁ, Sáskia. O audiovisual e o público na educação – cineclubismo, cinema e comunidade. In: ALVES, Giovanni; MACEDO, Felipe (orgs.). Cineclube, cinema & educação. Londrina: Praxis; Bauru: Canal 6, p. 57-71, 2010.

LEME, Caroline Gomes. Cinema e sociedade: sobre a ditadura militar no Brasil. 2011. 389 p. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Departamento de Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, 2011.

LEVI, Giovanni. A herança imaterial. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. 161 p.

MACEDO, Felipe. Cineclube e autoformação do público. In: ALVES, Giovanni; MACEDO, Felipe (orgs.). Cineclube, cinema & educação. Londrina: Praxis; Bauru: Canal 6, p. 27-57, 2010.

MONTEIRO, Iracema Corso Cabral; ARAÚJO, Mauro Luciano Souza de. Documentários e a fragmentação narrativa: entrevista com Sílvia Da-Rin. *Revista Científica do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Maranhão*, São Luís, n. 8, p. 203-212, 2011.

NASCIMENTO, Flávia Brito do; SCIFONI, Simone. Paisagem cultural: trabalho e cotidiano da imigração japonesa no Vale do Ribeira/São Paulo. *Revista CPC*, São Paulo, n. 10, p. 29-48, 2010.

PAIVA NETO, Francisco Fagundes de. A trajetória de Maria Preta no sindicalismo rural no município de Araçagi (PB) na década de 1990. *História Oral*, Rio de Janeiro, v. 23, n. 2, p. 221-240, 2020.

PEROCHENA, Camila. “Una memoria incómoda. La guerra de Malvinas en los gobiernos kirchneristas (2003-2015)”. *Anuario de Historia Regional y de las Fronteras*, Santander, v. 21, n. 2, p. 173-191, 2016.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib. Interdisciplinaridade: aproximações e fazeres. *Terra Livre*, São Paulo, [S. l.], v. 1, n. 14, p. 100-124, 2015. Disponível em: <https://publicacoes.agb.org.br/terralivre/article/view/376>. Acesso em: 6 ago. 2024.

SANTOS, Renata Soares da Costa. O cinema como registro. Cenas de violência e gênero no documentário brasileiro. *Cadernos de Pesquisa do CDHIS*, Uberlândia, n. 40, p. 91-101, 2009.

SIRINO, Salete Paulina Machado. Vidas secas: da literatura ao cinema uma reflexão sobre suas possibilidades educativas. *Revista científica/FAP*, Curitiba, v. 2, p. 99-116, 2007.

STECZ, Solange Straube. Movimentos cinematográficos na América Latina. *Revista científica/FAP*, Curitiba, v. 4, n. 2, p. 196-207, 2009.

TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro. Uma história sem fim – O cineclube abraça a escola. In: ALVES, Giovanni; MACEDO, Felipe (orgs.). *Cineclube, cinema & educação*. Londrina: Praxis; Bauru: Canal 6, p. 79-95, 2010.

TELLES, Adriana. Central do Brasil como interpretação do país. *Kino Digital – Revista Eletrônica de Cinema e Audiovisual*, n. 1, p.1-8, 2006.

THOMPSON, Edward Palmer. *Costumes em comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. 528 p.

THIESEN, Juarez da Silva. A interdisciplinaridade como um movimento articulador no processo ensino-aprendizagem. *Revista Brasileira de Educação*, Campinas, v. 13, n. 39, p. 545-554, 2008.

VELASCO, Breno da Silva; PEREIRA, Edvaldo Santos; COSTA, Regina Barbosa da. Batismo de sangue: resistência da palavra contra a ditadura no Brasil. *Revista Eletrônica Literatura e Autoritarismo*, Santa Maria, n. 13, p. 39-46, 2013.

Submetido em: 29/12/23 Aceito em: 31/10/24.